

A man with glasses and a beard, wearing a grey apron over a blue t-shirt, is pouring a reddish-brown liquid from a large, translucent ceramic pitcher into a white ceramic vessel. He is in a workshop with shelves in the background filled with various ceramic pieces like cups, bowls, and plates. On the workbench in front of him are several finished ceramic items, including a blue and white bowl, a green mug, and a yellow cup. The word 'Especial' is written in a stylized font in the upper left corner of the image.

Especial

A ARTE DO BARRO E DO TEMPO

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

Da terra ao forno, ceramistas de Brasília revelam como a criação manual virou antídoto contra a pressa e a rotina digital

POR EDUARDO FERNANDES

Em uma época dominada por telas, velocidade e produção industrial em massa, o ato de sujar as mãos na argila tem se tornado um refúgio cada vez mais procurado. Longe de ser apenas um passatempo casual, a cerâmica autoral vive um momento de forte valorização. Isso, sobretudo, pensando na importância do trabalho manual e da busca por uma forma de reinventar a própria vida nessa pressa contemporânea. Entre desafios e encantos, transformar o barro em arte é

mais do que um ofício: é também sobreviver.

Para muitos profissionais, a cerâmica não foi a primeira escolha de carreira, mas surgiu como uma busca por liberdade criativa e respiro diante de mercados corporativos engessados. É o caso do designer Felipe Laraia, 40 anos, fundador da marca Seu Barromeu (@seubarromeu). Formado em design de interiores, ele trabalhava com mobiliário corporativo, mas sentia que sua capacidade criativa era limitada pelas diretrizes empresariais.

Mais do que isso, queria a chance de desenvolver as próprias ideias sozinho. "Eu sou designer de formação, aí eu trabalhava com mobiliário, mas fiquei insatisfeito com o mercado, e eu não tinha

tanta autonomia de exercer a minha criatividade dentro da profissão, porque era muito fechado no que a empresa queria", conta Felipe.

Em 2014, ele fez um curso básico no Museu Vivo da Memória Candanga e enxergou ali a oportunidade de aplicar o design de forma autoral, para entrar de uma vez por todas nesse universo. A transição definitiva, contudo, demandou planejamento, paciência e persistência. Em 2018, tomou a tão aguardada decisão, passando um ano inteiro estudando e testando técnicas por conta própria até lançar suas peças comercialmente. O início, certamente, foi difícil, especialmente pensando nos custos que demandam os materiais. Mesmo assim, não se arrepende.

"A cerâmica tem um custo elevado de equipamentos, por exemplo, para queima. Mas, de ferramentas, você